

52. Meu pai é pajé e o conhecimento dele ajudou muito

Jaizinho Monteiro Narciso

Olá parentes, companheiros e parceiros que lutam em prol das comunidades indígenas, aqui apresento um pequeno relato sobre como a pandemia surpreendeu a minha Aldeia Anawera. Eu me chamo Jaizinho Mauricio Monteiro, professor de Matemática, Graduado na Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá e Pós-Graduado em Matemática na mesma Universidade.

A COVID-19 é um vírus assassino e assustador que surpreendeu a minha aldeia e as outras aldeias também. Quando começou a pandemia a gente já sabia que ela ia chegar em nossa comunidade, porque minha aldeia fica às margens da BR-156, no Km-100, essa BR liga Macapá ao Oiapoque. Por causa da BR o acesso de pessoas na aldeia é constante, mas a comunidade se reuniu para fechar a entrada de pessoas desconhecidas dentro da aldeia nesse período de pandemia.

Nossa comunidade não tem internet, o que dificulta mais ainda a comunicação com nossas famílias e parentes de outras comunidades. A gente ficava só vendo na televisão as pessoas morrendo, o que dava mais medo e ficava todo mundo tenso, mas nossa aldeia não parou de agir, um aconselhando o outro, sempre clamando a Deus que ele nos protegesse.

Alguns dias depois do dia das mães tive que me deslocar com o Sérgio dos Santos até a Aldeia Tukay, de noite, para usar a internet e saber informações e notícias de nossas famílias e parentes que moram em outras aldeias. Esse dia me marcou porque não sabíamos de nada e o vírus já estava nas aldeias indígenas do Oiapoque. A primeira notícia que recebemos foi da Aldeia Kumarumã, a maior aldeia do meu povo e onde estão muitos parentes. Essa notícia chocou minha Aldeia Anawera, eram 23 horas quando voltamos e avisei a comunidade, todo mundo ficou desesperado, era como se fosse todo mundo morrer, porque sabiam que não tinha medicamento e que as comunidades não estavam preparadas.

Mas Deus deu a natureza e a sabedoria para sabermos usá-la e protegê-la. Meu pai é o Pajé Levê, o conhecimento dele das plantas ajudou muito, conhecimento dos remédios tradicionais. Quando senti os primeiros sintomas pensei nos meus filhos e nos meus pais,

porque são bem idosos, minha mãe tem 88 anos e meu pai tem 91 anos, pensei que eles não iam aguentar, eu pensei que ia perder meus pais. Cada pessoa, cada idoso que morria, ninguém podia contar para os meus pais, porque não podia deixar eles sem esperança de sobreviver, porque eles também pegaram a COVID-19. Mas o meu pai tem a visão dele de pajé, ele sabia o que estava acontecendo, ele enxerga essa maldade do outro mundo, ninguém consegue esconder nada dele.

Na casa do meu pai era só remédio para combater várias doenças, eu, meus irmãos, sobrinhos, cunhados, todos estavam sem esperança, mas ele é um guerreiro. Usamos nossos remédios tradicionais para combater esse vírus, porque não adianta a gente ir para a cidade, lá não tem medicamento, ninguém pode te visitar e socorrer, é diferente da nossa aldeia. Através desses remédios tradicionais meu pai está se recuperando, na aldeia todos estão ficando curados. Por isso temos que preservar e dar valor aos nossos conhecimentos tradicionais da natureza.

Aldeia Anawera, Oiapoque, Amapá, Brasil

08 de julho de 2020